

## RUA DO ALGODÃO

Ato nº 159 de 17-02-1939, Artigo 1º, §. 10º

Formada pela 3ª. Travessa à direita, depois da  
rua General Bento Bicudo

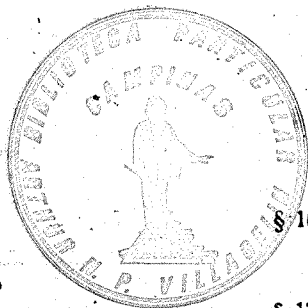
Início na avenida Governador Pedro de Toledo  
Término na rua Clodomiro Ferreira de Camargo  
Bonfim

Obs.: Ato assinado pelo Prefeito Municipal de  
Campinas Euclides Vieira.

## ALGODÃO

A família das Malváceas possui mais de 1.500 espécies, agrupadas em 50 gêneros. Plantas de variados tamanhos e formas, um dos gêneros que mais se destaca é o Algodão. E para o Brasil ele é de grande importância econômica. O algodoeiro é a planta da qual se extrai o Algodão, geralmente é um arbusto. Há muitas espécies de algodoeiros, mas apenas três ou quatro são importantes. No desejo de assegurar para o nosso Estado nova fonte de riqueza, o tradicional Instituto Agrônomo de Campinas obteve uma espécie herbácea, anual e de fibra curta, cujas sementes passaram a ser distribuídas, em caráter exclusivo e obrigatório, a quem desejasse dedicar-se à cultura algodoeira. O sucesso foi imediato e a indústria têxtil reavivou-se, multiplicando-se as fábricas de fiação e de tecelagem. Por outro lado, muitos subprodutos passaram a ser utilizados: o óleo (extraído do caroço), a fêlpa (linter), e a chamada "torta" (utilizada na alimentação do gado). Com essa pesquisa do Instituto Agrônomo o Algodão transformou-se numa riqueza tipicamente paulista. Porém, sua denominação para uma rua de nossa cidade, deve-se à sua importância para Campinas e região. Os primeiros semeiros das Campinas da Conceição do Mato Grosso, inicialmente plantaram para seu sustento, e posteriormente, alargando suas plantações, passaram a cultivar a cana-de-açúcar, que, indubitavelmente, foi de enorme importância para a nossa economia, residindo aí, um dos fatores preponderantes para o nosso desenvolvimento. Ainda em fins do século XVIII, acentuando-se a partir de meados do século XIX, a introdução do café, vindo assinalar novo ciclo econômico na vida campineira, sem abandonar, todavia, a cultura da cana-de-açúcar, conservando, pois, ambas as culturas, dando-se a Campinas o título de "Capital Agrícola da Província". Finalmente, com o estímulo governamental que visou quebrar o processo da monocultura do café, que tinha predomínio quase que geral no Estado, bem assim, evitar o caos causado como uma crise semelhante a de 1929, Campinas dedicou especial atenção à cultura algodoeira, com inteiro êxito. E como vimos acima, uma instituição científica campineira, teve uma participação notável na expansão da cultura algodoeira, que de certa forma, constitui o 3º ciclo econômico de nossa Campinas.

## RUA DO ALGODÃO



## ATO N.º 159

Dá denominação a ruas da cidade

O Dr. Euclides Vieira, Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições de seu cargo, e

Considerando a conveniência de serem denominadas novas ruas da cidade, e tendo em vista as sugestões apresentadas à Prefeitura pela Sociedade Amigos da Cidade, pelo Centro de Ciências, Letras e Artes e outras entidades, todas visando nomes e fatos relacionados com a vida da cidade e do Município, bem como os acontecimentos de ordem geral, nos quais Campinas, seus filhos ou seus habitantes tivessem cooperação, como consta da exposição apresentada pelo Centro de Ciências, Letras e Artes desta cidade, e cumpridas as formalidades do Decreto n. 8.868, de 27 de Dezembro de 1937,

## RESOLVE:

Art. 1.º — Ficam denominadas pela forma seguinte as vias publicas abaixo descritas:

§ 1.º — D. PEDRO I, a que tem início na Avenida Brasil, na Vila Nova, entre as ruas G. Cesar e C. Pimentel, seguindo diagonalmente até encontrar a rua Maria Lins, (Bairro de Vila Nova).

§ 2.º — BARTOLOMEU BUENO DA SILVA, a que tem início na linha da Companhia Mogiana, no bairro do Taquaral, em continuação à rua Diogo Prado, terminando na rua Paula Bueno (Taquaral).

§ 3.º — DR. JOSE DE CAMPOS NOVAES, a que tem início na Avenida Orosimbo Maia (atual rua Jorge Miranda), na esquina da rua Paula Bueno, e termina na Av. Barão de Itapura, no prolongamento da rua Buarque de Macedo, (Jardim Elisa).

§ 4.º — DR. ANTONIO DE SOUZA CAMPOS, a que tem início na rua Diogo Prado, entre as ruas Barão de Ataliba e Carlos Guimarães, segue paralela a esta e termina na rua Major Solon. (Antiga rua Ana Eufrosina).

§ 5.º — VISCONDE DE TAUNAY, a que começando na Avenida D. Libânia, entre as ruas Barata Ribeiro e Prefeito Passos, terminando na Avenida Itapura. (Vila Itapura).

§ 6.º — ENGENHEIRO SATURNINO DE BRITO, com início na rua José Paulino, entre as ruas Jorge Miranda e Alvaro Müller, seguindo paralela a esta até encontrar a primeira citada. (Vila Itapura).

§ 7.º — ALFERES FRANCISCO NOGUEIRA, com início na rua Guilherme da Silva, entre Avs. Julio Mesquita e Anchieta, até a Travessa Irmãos Bierrenbach, depois de uma deflexão à direita. (Vila Julio Mesquita).

§ 8.º — DR. ALBERTO SALLES, com início na rua Barão Geraldo de Rezende, entre Hercules Florence e Barão de Itapura, terminando na rua José Paulino, no cruzamento com a Francisco Glycerio. (Travessa Cury).

§ 9.º — COMENDADOR PAULA CAMARGO, com início na rua José Paulino, entre Delfino Cintra e Barão Geraldo de Rezende, terminando na rua Prof. Luiz Rosa. (Arruamento Avelino de Souza).

§ 10.º — RUA DO ALGODÃO, com início na rua Governador Pedro de Toledo (3.ª Travessa à direita, depois da rua General Bento Bicudo), terminando na rua 34 do arruamento do Jardim Chapadão.

§ 11.º — RUA DO CAFE', com início na rua Governador Pedro de Toledo (2.ª Travessa à direita, depois da rua General Bento Bicudo), terminando na rua 34 do arruamento do Jardim Chapadão.

§ 12.º — RUA DO ASSUCAR, com início na rua Governador Pedro de Toledo (1.ª Travessa à direita, depois da rua General Bento Bicudo), terminando na rua 34 do arruamento do Jardim Chapadão.

§ 13.º — MAESTRO MANUEL JOSE' GOMES, com início do lado par da rua Governador Pedro de Toledo, entre as ruas Julio Ribeiro e General Bento Bicudo, terminando na rua Arnaldo de Carvalho. (Jardim Chapadão).

§ 14.º — DR. PAULO FLORENCE, com início na rua Joaquim Villac (1.ª Travessa ao lado direito) segue em direção ao Azilo de Invalidos, e termina no encontro da Chacara do Snr. Targino Nogueira de Souza e outros (Estrada do Azilo).

§ 15.º — CUSTODIO MANUEL ALVES, com início na rua Governador Pedro de Toledo (1.ª Travessa em diagonal ao lado impar)

segue em direção do Armazem Regulador, passando ao lado do Jockey Club e terminando em rua sem denominação do arruamento de A. I. Teixeira de Camargo. (Bomfim).

§ 16.º — PROFESSOR CHRISTIANO WOLKART, com início na rua Bueno de Miranda, entre as ruas Maximiano de Camargo e Antonio Bento, terminando na rua Antonio Alvaro. (Vila Industrial).

§ 17.º — CORONEL ANTONIO LEMOS, com início na rua Dr. Carlos de Campos, entre as ruas Elias de Souza e João Theodoro, terminando no Corrego do Matadouro. (Vila Iracema).

§ 18.º — RUA DO ROCIO, com início na rua General Osorio, entre Saldanha Marinho e 11 de Agosto, terminando na rua Dr. Bernardino de Campos. (Travessa Valente).

§ 19.º — ENGENHEIRO PEREIRA REBOUÇAS, com início na rua São Carlos, abaixo da rua 24 de Maio, segue paralelamente ao prolongamento desta até a rua do arruamento da Chacara Arvore Grande, pela qual segue até encontrar a rua João Theodoro, na qual termina. (Vila Industrial).

§ 20.º — JORGE HARRAT, com início na Avenida da Saudade (1.ª Travessa do lado par) segue paralelamente à rua Alvaro Ribeiro, e termina na Estrada de Rodagem de São Paulo. (Travessa Godoy).

§ 21.º — AVENIDA WASHINGTON LUIZ, com início no encontro das ruas Alvaro Ribeiro e General Carneiro, prosseguindo pela Estrada de Rodagem de São Paulo.

§ 22.º — ROBERTO NORMANTON, com início na Avenida da Saudade (2.ª Travessa do lado par) segue paralelamente à rua Alvaro Ribeiro, terminando na Estrada de Rodagem de São Paulo. (Vila Emy).

§ 23.º — REGINALDO SALLES, com início na Estrada de Rodagem de São Paulo, (4.ª Travessa do lado impar), segue em direção da rua Salles Leme. (Vila Emy).

§ 24.º — ENGENHEIRO ANTONIO F. PAULA SOUZA, com início na rua Dr. Betim (1.ª Travessa do lado impar) e termina na Chacara dos Irmãos Valente. (Vila Paraiso).

§ 25.º — ANTONIO ALVES ARANHA, com início na Av. Barão de Itapura, segue paralelamente à Av. Brasil, entre esta e a rua Christovam Colombo, terminando em uma praça circular, junta à linha da Companhia Mogiana. (Travessa Itapura).

§ 26.º — DR. JOSE' INOCENCIO DE CAMARGO, com início na rua Barão de Atibaia, entre Dioguinho e Major Solon, seguindo paralelamente aquela até a rua Dr. Carlos Guimarães. (Antiga Inacio Bueno).

§ 27.º — ALFERES DOMINGOS, começa na rua 1, da Vila Julio Mesquita, segue paralela à rua Guilherme da Silva e depois de uma deflexão à esquerda, segue paralela à Av. Julio Mesquita, pelos fundos dos lotes e defletindo novamente à esquerda, paralela à Travessa Irmãos Bierrenbach, terminando na rua 1. (Vila Julio Mesquita).

§ 28.º — JOÃO FRANCISCO DE ANDRADE, com início na rua 14 de Dezembro entre as Avs. Anchieta e Julio Mesquita, segue paralela a esta, e termina na rua Guilherme da Silva.

§ 29.º — DA CONSTITUIÇÃO, com início na rua Governador Pedro de Toledo, em frente à rua Germania.

Art. 2.º — A pequena praça situada em frente à Praça 15 de Novembro, antigo Largo de Santa Cruz, do lado impar da rua Major Solon, fica denominada PRAÇA HERÓIS DA LAGUNA.

Art. 3.º — A atual RUA DO CAFE', no bairro do Botafogo, entre a Avenida Itapura e a rua Antonio Guimarães, passará a denominar-se RUA DR. OCTAVIO MENDES.

Art. 4.º — O trecho da rua Jorge Miranda, que acompanha o canal do Saneamento, tendo início na rua José Paulino, passa a denominar-se AVENIDA OROZIMBO MAIA.

Art. 5.º — Este ATO entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrario.

Paço Municipal de Campinas, aos 17 de Fevereiro de 1939.

*Euclides Vieira*  
Prefeito Municipal

Publicado na DIRETORIA DO EXPEDIENTE da Prefeitura Municipal, em 17 de Fevereiro de 1939.

O Diretor,  
*F. Campos Abreu*



## RUA DO ALGODÃO

O algodão é uma riqueza tipicamente paulista: São Paulo é o maior produtor do Sudeste (87% do valor da produção regional) e de todo o país. Esta posição resultou da crise que atingiu o café em 1929-30; no desejo de assegurar para o Estado nova fonte de riqueza, o Instituto Agrônomo de Campinas obteve uma espécie herbácea, anual e de fibra curta, cujas sementes passaram a ser distribuídas, em caráter exclusivo e obrigatório, a quem desejasse dedicar-se à cultura algodoeira. O sucesso foi imediato e a indústria têxtil reavivou-se, multiplicando-se as fábricas de fiação e de tecelagem. Por outro lado, muitos subprodutos passaram a ser utilizados: o óleo (extraído do caroço), a fêlpa ("linter") e a chamada "torta" (utilizada na alimentação do gado). É sobretudo no Planalto Ocidental que se localizam os maiores algodoeiros paulistas. Minas Gerais aparece em segundo lugar, contribuindo com cerca de 10% do valor da produção regional.

(Extraído de fls. 174 do livro "O Brasil e Suas Regiões", de autoria de Aroldo Azevedo, Cia. Editora Nacional, edição de 1972).

## RUA DO ALGODÃO

## ALGODOEIRO

O algodão tem papel de destaque na economia de São Paulo, Paraná e Nordeste (Ceará, Paraíba, Pernambuco). É planta arbustiva, da família das Malváceas. São mais importantes as espécies pertencentes ao gênero "Gossypium", como "G. arboreum", "G. hirsutum", e "G. herbaceum L.". As abelhas têm marcante papel na polinização do algodoeiro.

A indústria de fiação e tecelagem é das mais antigas do país; o óleo extraído das sementes, devidamente tratado, é usado na alimentação; o óleo bruto serve para combustível; os resíduos da semente, transformados em torta, são consumidos pelos animais.

Antes de ser o Brasil descoberto, já existia aqui o algodão, utilizado pelos indígenas na manufatura de rêdes e outros utensílios.

Com a Abertura dos Portos, em 1808, o algodão passou a ser exportado para a Inglaterra. Atualmente, 40% da produção na cional se destinam ao mercado externo. O "ouro branco" vem pesando cada vez mais na balança de nossas exportações. Dentre os países importadores, destacam-se: República Federal da Alemanha, Holanda, Bulgária, Japão, Bélgica e França.

O beneficiamento inicial consiste no descaroçamento do algodão em rama e, a seguir, prensagem da pluma.

No mês de outubro, em data móvel, Campina Grande (PB) faz a "Festa do Sisal e do Algodão", com exposição de artesanato popular. Em Picos (PI), realiza-se, a 14 de novembro, a "Festa do Algodão", com escolha da "Rainha do Algodão" e exposição de pro dutos regionais.

Nesse mesmo mês, em data móvel, os Diários Associados pro movem, em Fortaleza (CE), o "Festival do Algodão do Nordeste", como incentivo à produção.

## O ALGODOEIRO

Flor creme que se tinge de amarelo  
E vermelho nas cápsulas de arbusto,  
Malvacea de terreno árido, adusto,  
Gera flocos de neve o seu carpelo.

Fornece a ti, mulher, tecido belo,  
Urdido em linho e sêda de alto custo,  
Envolvendo-te os braços, todo o busto,  
E roubando-me, a mim, lascivo anelo.

Surgem assim, em tropical braseiro,  
Níveis capulhos, fontes de óleo e fio  
Dessa fecunda planta: o algodoeiro.

Propaga do Ceará ao mundo inteiro  
A riqueza, o valor, pois que no estio  
Veste e alimenta o povo brasileiro!

"Páginas Outonais" de  
Galdino Catunda Gondim

(Extraído de fls. 80 e 81, da "Nova Antologia Brasileira da Arvore", de Maria Thereza Cavalheiro, 1a. edição, 1974, da Livraria Editôra Iracema Ltda.)

O ALGODÃO...SUA ORIGEM E SEU APROVEITAMENTO

1º - Artigo-trabalho em série



NR; O presente trabalho que ora passa a ser publicado, é de cunho totalmente educativo, assim sendo, aconselhamos a todos nossos leitores, de dicarem o maximo de suas atenções, nesta e nas outras publicações que iremos editar, pois a matéria do assunto é de interesse geral.

Existe na natureza, sobretudo nos países quentes, uma família de plantas denominadas "Malváceas", das quais se conhece mais de mil e quinhentas espécies, agrupadas em cinquenta gêneros.

Estas plantas, são muito variadas em tamanhos e formas, indo desde simples ervas até arvores e suas flôres certas vezes são solitarias e outras vezes as vemos reunidas em capitulos, com caracteristica especial que é a de possuir cinco sópalas, cinco petalas e cinco ou multiplo de cinco estames.

Entre os gêneros mais importantes dessa interessantissima familia de plantas, destacam-se as tílias, a teobroma, as malvas, as altéias, o cacau e os algodociros.

Este ultimo gênero, para nós, é de mais importancia, uma vez que se constitue a base, a matéria-prima do nosso produto, o qual tem inumeras applicoes, como logo veremos.

Os algodociros são plantas das quais extrai-se o algodão. Geralmente é um arbusto, porém em alguns países, chega a ser uma pequena arvore que resiste ao tempo frio.

Há muitas espécies de algodociros, mas apenas três ou quatro são importantes.

Estas plantas são originárias dos países tropicais, porém nos países de clima temperado, ou seja nem muito quente, nem muito frio, nem muito secos, é que elas produzem melhor colheita do algodão.

São famosas e formidaveis, as plantações do algodociros, no Sul dos Estados Unidos do Norte América, onde obtém-se uma enorme produção do algodão com excelente qualidade.

A India, produz uma ótima quantidade do plantio e colheita de algodão, porém muito difficil de fiar, entretanto no Egipto, país situado ao norte da Africa, a qualidade é muito boa, porém em pouca quantidade, devido a escassez de bons terrenos para cultivar. Existem ainda plantações de algodociros na China, na Australia e em muitas outras ilhas de clima quente, espalhadas pelo mundo.

No Brasil, é produzido em grande quantidade, nos estados de São Paulo, Paraíba, Maranhão, Pernambuco e Rio Grande do Norte, e em outros estados do Nordeste Brasileiro, sendo o segundo produto em exportação, apenas se colocando a sua frente o tradicional "Café".

Possue o Brasil, dessa maneira uma produção total, suficiente para o consumo próprio de sua grande indústria textil e para exportação a outros países, que carecem deste valioso produto-"Algodão".

Podemos afirmar categoricamente que o Brasil é o país de maior desenvolvimento textil em toda America do Sul.

Os melhores algodociros são plantas anuais, isto é, morrem depois da queda da sua fôlha, devendo ser plantada de novo. Seu tamanho vai de 60 centimetros a 1,80 mts de altura.

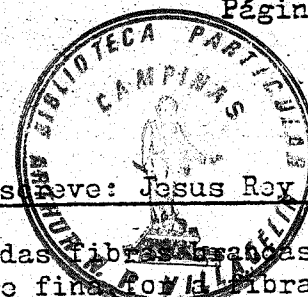
A flôr é de cor creme quando abre, cor de-rosa no dia seguinte e ao terceiro dia cai, deixando uma pequenissima cápsula que vai crescendo, até ficar do tamanho de uma noz. Dentro desta cápsula, fortemente agarrada a sementes e muita apertada, encontra-se uma penugem longa, cor de neve, que a medida que a cápsula madura e rebenta, aparece aos nossos olhos.

Esta penugem aqui citada, por sinal maravilhosa, formada por fibras brancas, como a neve, é o algodão, o qual é indubitavelmente uma das grandes riquezas nacional e em definitivo a base do nosso produto de fabricação "fiação".

(Continua no proximo número)

## O ALGODÃO...

## SUA ORIGEM E SEU APROVEITAMENTO



Escreve: Jesus Ray Diaz

## Artigo nº 2

A penugem da flor do algodão com suas delicadas fibras, determina a qualidade do algodão, sendo que quanto mais longa e fina a fibra, melhor será ao final do processo de fabricação, seja na qualidade do fio, como também dos tecidos com ele fabricados.

O algodão cultivado no Egito, tem fibras longas e finas, sendo um dos melhores tipos de algodão do mundo.

As qualidades cultivadas em algumas zonas dos Estados Unidos seguem em importância no Brasil, geralmente as dos Estados do Nordeste, são fibras longas assim como também as cultivadas no Estado de São Paulo, embora neste último predomine a fibra média.

A colheita do algodão é feita por homens, mulheres e crianças, que vão pelo campo afora, de planta em planta, colhendo as fibras que estão fortemente agarradas as sementes, levando cada um deles, uma cesta ou bolsa, onde vão depositando as valiosas fibras, uma vez cheias vão despejando o conteúdo colhido em lugares apropriados e em seguida é procedida a separação das sementes das fibras, operação essa necessária para a utilização do algodão.

Antigamente essa separação era feita a mão e ainda esse sistema é seguido por pequenos cultivadores, porém os produtores de maior porte, servem-se de um sistema moderno que consiste em uma máquina apropriada, que foi idealizada por ELI WHITNEY, o qual assim pode tornar essa operação mais eficiente e racionalizada, evitando o trabalho um tanto moroso que anteriormente eram feito por centenas de homens.

A invenção da máquina citada e de outras mais que logo adiante falaremos, deram grandes impulsos e estimularam enormemente o cultivo do algodão e a seleção dos algodoeiros, para assim poder obter-se cada vez melhor, e maior a qualidade e produção do produto.

Feita a separação das fibras e das outras sementes, as primeiras são levadas diretamente para prensas hidráulicas, possantes, que fortemente prensam e agrupam as fibras em fardos que vão de 170 a 250 Kgs. Após transformado em fardos são logo em seguida fornecidos as indústrias de fiação de algodão, para as operações seguintes.

Ainda nesta publicação faremos constar do pequeno mapa abaixo publicado e no qual poderão os senhores leitores observar os centros de maiores produções algodoeiras existentes pelo mundo.

